

## A Campanha Abolicionista em uma Revista Paraense do Século XIX<sup>1</sup>

Leonardo Santana dos Santos Rodrigues<sup>2</sup>  
Netília Silva dos Anjos Seixas<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### Resumo

Ao longo da década de 1880, a escravidão esteve na ordem do dia da imprensa brasileira e mobilizou a sociedade para libertar escravos, movimento favorecido por mudanças sociais e econômicas no país. O objetivo deste artigo é observar de que forma a revista satírica *A Semana Illustrada*, publicada entre 1887 e 1890 em Belém, Pará, retratou esse momento, buscando perceber como os negros eram representados. A análise permitiu identificar que a revista não deixou de reproduzir estereótipos sobre os negros e de valorizar o discurso de grupos dominantes em detrimento dos escravos, ainda que advogasse em sua causa. O corpus da pesquisa é composto por 23 edições da publicação, disponíveis na Coleção Vicente Salles, pertencente ao Museu da Universidade Federal do Pará.

**Palavras-chave:** abolição; imprensa paraense; revista satírica; negro.

### Introdução

A imprensa brasileira no século XIX caracteriza-se pelo tom opinativo, mais do que factual, dos periódicos e por um modo produção artesanal, assim como pelo envolvimento nas causas abolicionista e republicana (ROMANCINI; LAGO, 2007). Publicada entre 1887 e 1889 em Belém do Pará, a revista satírica *A Semana Illustrada* oferece uma visão privilegiada desse período por situar-se no “calor dos acontecimentos”, além de apresentá-lo em imagens.

O objetivo do artigo é observar de que forma a revista abordava a escravidão e o abolicionismo, buscando perceber como o negro era representado. O trabalho é resultado do projeto de pesquisa “A Trajetória da Imprensa do Pará: do Impresso a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBIC do Programa Especial de Apoio a Projetos de Pesquisa – Acervos da UFPA (PE-Acervos), Edital 04/2015. E-mail: [leonardosarodrigues@gmail.com](mailto:leonardosarodrigues@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa “A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet” e líder do grupo de pesquisa História da Mídia na Amazônia (Mídiam), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: [netilia@uol.com.br](mailto:netilia@uol.com.br).

Internet” e dá continuidade a pesquisas envolvendo o acervo de periódicos pertencente à Universidade Federal do Pará (SEIXAS, 2016) e a revista *A Semana Ilustrada*.

Dessa forma, a coleta de dados para este artigo foi auxiliada e facilitada por leituras prévias. O corpus da pesquisa é composto por 20 edições de *A Semana Ilustrada*, 11 referentes ao primeiro ano, 09, ao segundo, além de 03 edições dos terceiro e quarto anos, quando a revista muda de proprietário e passa a ser chamada *A Semana*. As edições estão disponíveis, em versão impressa e digital, na Coleção Vicente Salles, pertencente ao Museu da Universidade Federal do Pará.

### **A revista *A Semana Ilustrada***

A imprensa ilustrada teve condições de se desenvolver no Pará a partir de 1871 com a abertura da primeira oficina litográfica, de propriedade do alemão Carlos Wiegandt (SALLES, 1992b, p. 12). Surgiram títulos como *O Postilho* (1877), *O Puraquê* (1878) *O Estafeta* (1879), *A Vida Paraense* (1883) e a *Revista Paraense* (1888), muitos dos quais de duração efêmera.

Lançada por Crispim do Amaral em 04 de julho de 1887, a revista *A Semana Ilustrada* destaca-se como uma das mais duradouras, contabilizando 66 edições até 1890, embora tenha sofrido interrupções (SALLES, 1992c, p. 12).

Crispim era pernambucano e mudou-se para Belém em 1876, iniciando a carreira como caricaturista na oficina de Wiegandt, onde lançou a revista *O Estafeta*, que teve apenas duas edições (SALLES, 1992a, p. 12). Posteriormente, o artista trabalhou em obras no Theatro da Paz e no Teatro Amazonas e conseguiu do governo uma bolsa para estudar na Europa, iniciando uma carreira de sucesso em Paris (SALLES, 1992d, p. 12).

Crispim esteve à frente da revista *A Semana Ilustrada* por 11 edições, assinando os desenhos com o pseudônimo “Puck”, sendo substituído por seu irmão, Manuel, o “Duc” (SALLES, 1992g, p. 12). De acordo com Vicente Salles, *A Semana Ilustrada* teve duas fases.

A primeira, quando circula com o título original *A Semana Ilustrada*, publicando 27 números no I ano e 23 no II, totalizando portanto 50 exemplares; a segunda fase, mais estável, título encurtado *A Semana*, totalizou apenas 16 exemplares, embora melhor impressos (litografia de Archibald Campbell) e com vários colaboradores (SALLES, 1992c, p. 12).

*A Semana Ilustrada* começou circulando as segundas-feiras e, a partir da décima segunda edição, passou para os domingos, mas a periodicidade não era rigorosa, tendo em vista que algumas edições voltaram a sair às segundas-feiras. No que concerne

à campanha abolicionista, é notável o fato de a revista ter publicado em 28 de setembro de 1887, uma quarta-feira, uma edição extra em comemoração ao aniversário da Lei do Ventre Livre, que completava 26 anos. Isso mostra o quanto o periódico estava empenhado com o abolicionismo.

A revista possuía habitualmente oito páginas, era dividida em duas colunas e apresentava espaços fixos para textos e imagens: a capa, a contracapa e as páginas centrais eram ocupadas por ilustrações, o restante, por textos. *A Semana Illustrada* era vendida a 200 réis, possuindo planos de assinatura trimestrais para a capital a 3000 réis, e anuais e semestrais para o interior, vendidos a 12000 e 6000 réis, respectivamente.

Em um dado momento, *A Semana Illustrada* chegou a ser vendida em três agências e passou a ser impressa em uma oficina litográfica própria, o que denota o sucesso que alcançou junto ao público.

Duc, ou Manuel do Amaral, também boêmio, mas de vida menos agitada e aventureira que a de seu irmão Crispim, recebeu deste, ainda em 1887, um jornal consolidado com boa aceitação dos leitores e talvez até com algum lucro financeiro. [...] O sucesso do semanário estimulou a dupla a adquirir oficinas próprias de litografia e de tipografia, que se instalou na Travessa da Indústria nº3. E Crispim mandou vir da Europa 2 gravadores. (SALLES, 1992e, p. 11).

Mesmo assim, ao final do segundo ano, a revista passa a ser publicada sem a mesma regularidade e sai de circulação em 23 de julho de 1888. Suas instalações foram adquiridas pelo jornalista e caricaturista Archibald Campbell e a publicação reapareceu com o nome *A Semana* em 29 de abril de 1889 (SALLES, 1992f, p. 11). Natural de Belém, Campbell também foi discípulo de Wiegandt e foi um dos fundadores do Club Republicano, dando à revista uma orientação mais acentuada em defesa da República, o que não era tão evidente na primeira fase da publicação (SALLES, 1992f, p. 11).

### **A escravidão no Brasil: um breve contexto**

A escravidão esteve no cerne das relações sociais e econômicas no Brasil durante o período colonial e imperial (COSTA, 1998, p. 522), deixando marcas profundas e nefastas, desagregando a sociedade, desvalorizando o trabalho livre, institucionalizando a violência e criando estereótipos sobre os negros que ainda são reproduzidos, dentre outros. (PINSKY, 2010)

Para Robert Conrad, “a relutância brasileira para abandonar o sistema de escravos” se explica não apenas por sua grande importância social, mas também “estava intimamente relacionada com a sobrevivência de atitudes tradicionais que mantinham e

protegem a maioria dos costumes e instituições que o Brasil herdara do passado colonial” (CONRAD, 1978, p. 25).

Não é por acaso que o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, apenas em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea. Principal potência da época, a Inglaterra havia decretado o fim do tráfico negreiro em 1807 e passou a pressionar outros países a fazer o mesmo (COSTA, 1998). O isolamento geopolítico e o atraso a que a manutenção do sistema escravista submetia a economia do país foram determinantes para que o governo, pressionado tanto por agentes externos quanto pela população, extinguisse a escravidão (CONRAD, 1978).

Nas décadas que antecederam a abolição, uma série de leis foi criada visando restringir o sistema escravista no Brasil: houve a proibição do tráfico negreiro (1850), a libertação dos filhos recém-nascidos de escravos (1871) e a emancipação dos sexagenários (1884).

Com tais restrições, o comércio de escravos passou a se dar entre as províncias, destinado a atender principalmente a demanda das regiões produtoras de café ao sul, como Rio de Janeiro e São Paulo, que necessitavam de mão-de-obra em suas lavouras (CONRAD, 1978, p. 150). Por outro lado, nas províncias ao norte, a população cativa foi escasseando, de modo que em algumas regiões o trabalho servil já não era mais tão importante, tornando-as mais suscetíveis ao abolicionismo (COSTA, 1998, p. 470).

Entre as décadas de 1870 e 1880, a sociedade passou a engajar-se mais ativamente em campanhas para libertar escravos e parte da imprensa dedicou-se a propagar ideias favoráveis à abolição e a denunciar a violência que os escravos sofriam. É emblemático o caso do Ceará.

Graças à atuação dos abolicionistas, a província declarou-se livre de escravos em 24 de março de 1884, e a campanha se espalhou para outras regiões. Ao contrário das décadas passadas, o movimento antiescravista estava mais organizado dessa vez.

O inexperiente movimento emancipacionista da década de 1860, que viria a surgir de novo, já mais sólido, na década de 1880, produziu uma série de textos polêmicos na forma de projetos, artigos e livros, alguns deles aparentemente instigados pela Coroa, mas outros refletindo as opiniões de reformadores independentes (CONRAD, 1978, p. 102).

Como se formou essa consciência? Além da distribuição de escravos entre as províncias, tornando o trabalho servil menos importante em algumas regiões, Emília Viotti da Costa (1998, p. 526) aponta que as mudanças na organização do trabalho, que aumentavam a produtividade no campo e nas indústrias, e a formação nos centros

urbanos de uma camada social menos dependente do trabalho escravo favoreceram o surgimento de um movimento antiescravista.

Para justificar a escravidão, os proprietários se valiam de ideias preconceituosas sobre os negros, colocando-os em uma posição inferior, argumentando que estes não saberiam viver em liberdade e que muitos escravos viviam em melhor condição que pessoas livres (COSTA, 1998, p. 414). Outros defendiam que a produção brasileira seria prejudicada com a abolição e, em respeito ao direito de propriedade, exigiam indenizações (COSTA, 1998, p. 414).

Emília Viotti da Costa (1998, p. 527) chama atenção para o fato de que as posições a favor ou contra a escravidão não eram exclusivas de um partido ou grupo, mas agregavam pessoas de diferentes camadas, havendo até mesmo casos de negros que defendiam o escravismo.

Quando a Lei Áurea foi decretada, o Brasil vivia um momento de grande agitação em decorrência das campanhas abolicionistas e do risco iminente de uma revolta social. Para que o projeto passasse, era preciso do apoio da maioria do Partido Liberal no Senado, que exigia “o imediato e incondicional fim da escravatura” (CONRAD, 1978, p. 329), ou seja, sem garantir indenizações aos proprietários.

Aprovada a lei, as previsões de que a economia do país iria sofrer um duro baque não se concretizaram. Na verdade,

(...) não houve decréscimo das rendas públicas e o cambio sobre Londres, cuja média fora de 22 7/6 d., em 1887, subiu a 25 1/4 em 1888. O que houve foi um grande deslocamento de fortunas e a ruína de numerosos proprietários agrícolas. (COSTA, 1998, p. 508).

Apesar da aparente tranquilidade com que o processo da abolição se deu, não se pode deixar de considerar a violência inerente ao sistema escravista e que marcava, em muitos casos, a relação entre os senhores e escravos, nem ignorar o papel destes para alcançar a própria liberdade (PINSKY, 2015, p. 94).

Que poder os negros haveriam de ter contra o sistema que lhes oprimia? Muitos morriam ainda no trajeto até o Brasil, transportados em péssimas condições em convés abarrotados. Aqueles que conseguiam sobreviver, geralmente eram separados de suas famílias, submetidos a uma jornada de trabalho extenuante e aos caprichos de seus senhores, que lhes tinham como propriedades e abusavam de seu poder (PINSKY, 2010). Os escravos também eram convertidos ao catolicismo, que lhes ensinava o conformismo e buscava justificar sua condição (PINSKY, 2010).

Ainda assim, muitos encontraram formas de resistência nos quilombos, nas fugas, nos assassinatos ou, em casos extremos, no suicídio. Segundo Jaime Pinsky (2010, p. 94), o medo de uma insurreição era grande, o que acabou tendo um peso decisivo para a abolição.

### **A campanha abolicionista em *A Semana Illustrada*: o demônio da tirania dá as caras pela última vez**

A escravidão aparece pela primeira vez na revista *A Semana Illustrada* na edição de 15 de agosto de 1887, dia em que a Adesão do Pará à Independência foi celebrada. A data parecia um momento oportuno para expor a contradição de um país que havia alcançado a emancipação política, mas ainda convivia com um sistema escravista, privando parte da população da liberdade. Para a publicação, a “emancipação total” se realizaria apenas com a abolição.

Ainda assim, *A Semana Illustrada* demonstra preocupação em não exceder o tom em defesa do abolicionismo e afirma que “não deseja empanar a solemnidade que hoje celebram os paraenses”, como a pedir desculpas ao público por ter trazido o assunto à tona, consciente de sua gravidade.

No entanto, na edição seguinte, publicada em 22 de agosto de 1887, orgulha-se ao ver “que não foram acolhidos com indiferentismo os brados levantados em 15 de agosto, em prol do abolicionismo”, informando que uma associação beneficente iria realizar quermesses em setembro para arrecadar dinheiro para libertar escravos.

Ainda que a escravidão tenha merecido atenção da revista *A Semana Illustrada* em diversos momentos, como prova a edição especial em comemoração ao aniversário da Lei do Ventre Livre, não foi abordada de forma ostensiva, nem constituiu a principal linha temática da publicação, ao contrário da *Revista Illustrada* (1876), do Rio de Janeiro, que desenvolveu “intensa campanha em prol da emancipação” (COSTA, 1998, p. 469).

Um desenho da publicação de Ângelo Agostini sobre a venda de escravos chegou a ser usado em uma capa de *A Semana Illustrada* e o próprio Agostini aparece em uma charge da revista “pintando o diabo” de Dom Pedro II, um reconhecimento da influência política e da relevância de seus traços.

De modo geral, *A Semana Illustrada* dava mais ênfase à campanha abolicionista em datas comemorativas, como a adesão do Pará à Independência e o

aniversário da Lei do Ventre Livre, ou próximo à realização de quermesses. Em outros momentos, o assunto desaparecia por completo.

É compreensível que tenha sido assim. Para uma revista satírica e humorística, tratar de um tema grave como a escravidão poderia ser difícil, e *A Semana Illustrada* parecia ter o cuidado de não embotar suas páginas com um tom sério, ainda que nem sempre fosse possível evita-lo. Como diz um editorial publicado na edição 09 de abril de 1889,

(...) nem sempre engatilhamos o riso, nem sempre disparamos a gargalhada argentina, nem sempre aceram os acicate da ironia! Há casos que forçam o desaparecimento instantâneo da jovialidade, que transformam-n'a em imediata tristeza, que, finalmente, impõem a seriedade. (*A Semana Illustrada*, 09 abr. 1889, p. 2).

De certo modo, falar das festas promovidas por sociedades beneficentes e celebrar as conquistas do movimento abolicionista ajudavam a tornar a escravidão mais “palatável” ao público, deixando de lado as perversidades desse sistema, as rebeliões de escravos e a violência dos senhores.

A capa de edição de 26 de setembro de 1887 é a única ilustração da revista que retrata as agressões que os escravos sofriam. A personagem-tipo da publicação aparece em primeiro plano e aponta para um senhor que está prestes a chicotear um escravo. É significativo o fato de a cena se passar em um ambiente rural, sugerindo que havia diferenças de tratamento entre os escravos urbanos e do campo.

Nas páginas da revista, a abolição representava, mais do que um ato humanitário, um passo em direção à civilização e ao progresso, de acordo com as tendências mundiais. Se o sistema escravista existiu no passado, de acordo com a publicação, foi porque as condições da época eram diferentes, mas agora a instituição era incompatível com o “século das luzes”.

Com essa perspectiva, os abolicionistas tomavam sobre os ombros a missão de libertar os escravos e a revestiam de grande importância, acompanhados de perto pelo mundo inteiro, como é possível perceber em um editorial da edição de 02 de outubro de 1887, referindo-se às conquistas das ações de caridade. “É impossível que diante do facto eloquentíssimo que o publico paraense acaba de apresentar aos olhos do mundo inteiro, deixassemos o abutre da escravidão neutralizar tantos esforços!” (*A Semana Illustrada*, 02 ago. 1887, p. 2).

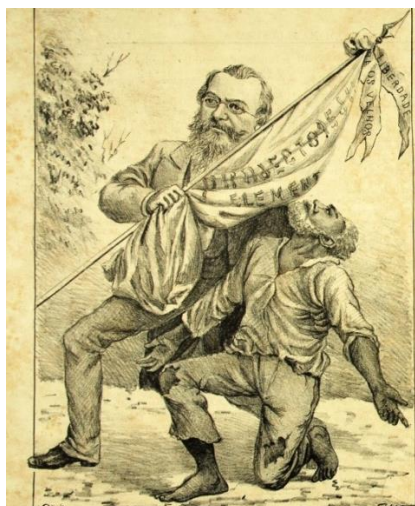
A capa da edição especial em comemoração ao aniversário da Lei do Ventre Livre homenageia o político José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco,

que havia sido autor do projeto. A edição traz um perfil de Paranhos e um texto que atribuí ao Visconde “todas as evoluções libertadoras, que de 1871 para cá se tem operado no elemento escravo do Brazil”, além de poemas sobre o abolicionismo.

O destaque que a revista dá a Paranhos, não aos escravos, e o modo como personaliza e simplifica o acontecimento, atribuindo a um só homem tais conquistas, evidenciam que a publicação valorizava a perspectiva dos grupos dominantes. Mesmo quando o negro aparecia, não era para ser exaltado, mas ocupava um papel secundário e era representado como fraco e indefeso.

A contracapa da edição especial mostra um escravo em posição de padecimento: está de joelhos, braços abertos, cabeça jogada para trás, ao lado do político Souza Dantas, autor da Lei dos Sexagenários. Este segura um estandarte e ampara o negro com um braço, olhando para frente com bravura, ficando evidente a diferença no modo como foram representados.

Figura 1 – Revista *A Semana Illustrada*, 28 de setembro de 1887, ano I, p. 8.



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA.

Marialva Barbosa (2010) lembra que a relação entre imprensa e abolição foi mais complexa do que se pode supor. Por mais que os periódicos possam ter advogado pela abolição, não deixaram de reproduzir preconceitos sobre os negros ou usar o discurso dos grupos dominantes, representando o escravo como massa amorfa, indiferenciada, não os enxergando como protagonista da própria história (BARBOSA, 2010, p. 105).

Essa visão impedia que se considerassem outros aspectos sobre a realidade dos escravos, como o de que muitos eram capazes de ler (BARBOSA, 2010, p. 109). Ao mesmo tempo, o discurso abolicionista dirigia-se aos senhores e, sob um viés



autoritário, buscava dar garantias de que qualquer reação dos cativos que pudesse provocar rupturas na estrutura social seria reprimida (MACHADO, 2006, p. 150).

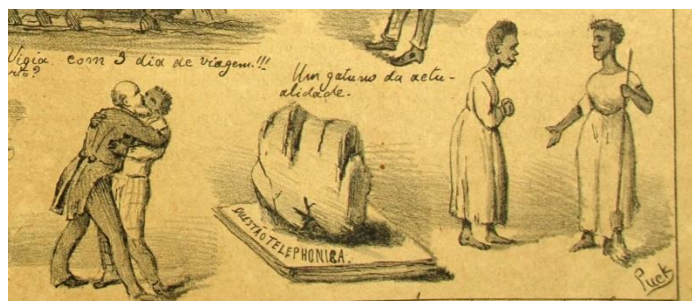
Numa charge publicada na edição de 29 de agosto de 1889, é possível perceber que os negros, mesmo quando ganhavam direito de “fala”, não deixam de aparecer em uma situação de passividade e suas vozes foram colocadas a serviço da propaganda abolicionista. A charge traz o diálogo entre duas escravas a respeito de uma quermesse. “Agora nós tudo vai ficar livre”, diz uma delas. “Deus traga logo o dia 28 de setembro”, responde a outra.

O caricaturista faz questão de registrar o erro de concordância de uma das escravas, como a evidenciar sua baixa condição. Qual o motivo de fazer um registro tão “fiel” da realidade? Talvez fosse para inspirar sentimentos de caridade nos leitores e mostrar o quão desamparado eram os escravos, que nem ao menos sabiam falar “direito”. As escravas estão descalças e usam vestidos longos, uma delas está com as mãos unidas junto ao corpo, num posição que expressa expectativa, ansiedade, esperança, como se estivesse à espera de benfeitores que mudassem sua situação.

Na mesma página, outro quadro mostra um senhor beijando um escravo recém-alforriado. “Já recebestes tua carta, agora recebe este abraço; não é por teres o cabelo de pimenta do reino que deixas de ser cidadão. Sejas homem”, diz a legenda. Essa ilustração, ainda que satírica, parece sintetizar o caráter paternalista que marcava o discurso abolicionista em muitos momentos (MACHADO, 2006, p. 150).

O escravo ganha a liberdade mediante uma concessão, o “beijo”, não por ação própria. Ao mesmo tempo, a cena parece retratar a euforia que tomou conta das cidades em decorrência das campanhas abolicionistas (MACHADO, 2006, p. 143), euforia que chegava a ponto de levar um senhor a beijar um cativo.

Figura 2 – Revista *A Semana Illustrada*, 29 de agosto de 1887, ano I, p. 5.



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA.

O escravo parecia fadado ao imobilismo. Além de depender de outros para ser alçado à condição de cidadão, não se compadecia por outros escravos quando conseguia

a liberdade. É dessa suposta ingratidão que a revista trata em uma nota na edição de 19 de maio de 1887.

Ah! Se cada escravo, que hoje recebe a sua carta, fosse mais um herói na obra da libertação d'est província, em breve tel-a-íamos dando costas á reivindicação do direitos da Liberdade. O liberto hoje esquece-se absolutamente dos seus companheiros de ontem. Como explicar este phenomeno? A ingratidão não o justifica; explica-o a loucura com que nós atiramos ao goso d'aquillo, cuja posse foi-nôs, por muito tempo, regateada. (*A Semana Illustrada*, 28 set. 1887, p. 7).

Era comum que *A Semana Illustrada* usasse a figura do índio para representar o Pará. Para mostrar como estava satisfeita com a mobilização na cidade para libertar os escravos, a revista cria a correspondência entre a legenda e a imagem de uma índia “de barriga cheia”. Mas a campanha abolicionista em Belém não conseguiu manter o mesmo ímpeto até o fim.

A quermesse realizada em setembro de 1887 conseguiu libertar, segundo a revista, 110 escravos, mas já naquele momento a publicação receava não conseguir repetir o feito. De qualquer forma, àquela altura, seria difícil frear o abolicionismo, seria como tentar “desviar o curso do gigantesco Amazonas”, nas palavras da própria revista.

Próximo ao fim da escravidão, *A Semana Illustrada* dedica-se a condenar os reacionários e publica na capa da edição de 19 de abril de 1888 uma carta ao presidente da Câmara de Belém, Álvaro Pinto da Ponte e Souza, tentando convencê-lo a abrir mão de seus escravos, para que o abolicionismo não escarrasse em suas “faces os ephitetos de carrasco e retrogado”.

A configuração gráfica dessa edição difere das outras, que sempre traziam imagens na capa. É possível pensar que essa inversão entre texto e imagem tenha se dado por questões técnicas, mas também pode ser considerada uma forma de intimidação, dando um sentido de urgência à carta.

Enfrentando problemas no fim do segundo ano, a publicação de *A Semana Illustrada* foi interrompida por um mês em maio de 1888, voltando no mês seguinte. A capa da primeira edição após a abolição, lançada em 11 de junho, também apresenta uma configuração diferente das demais. O brasão do Império aparece no topo, acima do título da revista, e as letras estão centralizadas, o que dá um caráter solene e formal à página. A edição possui quatro páginas e, conforme consta na capa, é acompanhada de um retrato da Princesa Isabel, que havia sancionado a Lei Áurea.

A última imagem publicada pela revista em sua primeira fase mostra dois negros, descalços e de rosto virado, sendo ameaçados pelo demônio da tirania,

reforçando as representações sobre essa população como sujeitos indefesos e fracos. A tirania dava as caras pela última vez, mas a abolição era apenas uma de muitas reformas que o país precisaria fazer para diminuir as desigualdades e abandonar velhas estruturas sociais.

### O pós-abolição

Em 1888, último ano da escravidão, foi registrado 10.535 escravos no Pará, sendo que 24,12% vivia em Belém (MAIA, 2001, p. 120). Era um número pequeno se comparado com o Rio de Janeiro, cujos deputados votaram contra a Lei Áurea e se ativeram até o fim ao sistema escravista (CONRAD, 1978, p. 330), mas indica que as ações do governo e as campanhas abolicionistas, a despeito da mobilização que causaram na sociedade, conseguiram alcançar resultados modestos. De acordo com Vicente Salles,

A notícia da assinatura da Lei de 13 de maio teve ampla repercussão no Pará, onde o trabalho das ligas libertadoras, associado à intensa campanha popular e a manumissão de escravos através das cotas, especialmente destinadas a esse fim, tinham tido, até então, efeito mais publicitário do que realmente filantrópico. (SALLES, 2005, p. 340).

A *Semana Illustrada* não deixa de fazer sua autocrítica e ponderações sobre o movimento abolicionista no Pará, afirmando que havia feito pouco pela causa, limitando-se a aplaudir seus efeitos, enquanto outras províncias haviam tomado medidas mais concretas.

Fomos por muito tempo, - falemos com franqueza, - uns abolicionistas teóricos -; pregávamos o evangelho da abolição; atiravamos á execreção os negreiros, ao passo q' não faziamos, um millimetro sequer, na extensa area de execução, a causa que advogávamos. (A *Semana Illustrada*, 09 abr. 1889, p. 2).

A abolição era, antes de tudo, uma festa (SALLES, 2005, p. 348) que deixou saudade quando terminou, fazendo a cidade voltar à monotonia de sempre, como a revista expressa em um editorial da edição de 18 de junho de 1888.

Já não se ouvem os estampidos dos foguetes, o *brouhaha* das palmas, os gritos de alegria, os *hurrahs* levantados em nome da LIBERDADE, os sons harmoniosos das bandas marciais. [...] Cahimos, enfim, na modorra que nos é habitual. (A *Semana Illustrada*, 18 jun. 1888, p. 2)

A revista parece ironizar as condições dos ex-escravos após a abolição em uma charge publicada em 25 de junho de 1888. A ilustração mostra três negros passeando na rua, todos bem-vestidos, em contraponto as representações habituais, nas quais o negro

sempre aparecia em roupas simples. Os dois homens usam cartola, carregam bengalas e fumam charutos. A mulher anda com um cachorro e segura uma sombrinha, como uma dama. A legenda diz: “Depois do dia 13 de maio”. Seria possível pensar que a situação dos ex-escravos tenha mudado tanto assim?

Figura 3 – Revista *A Semana Illustrada*, 25 de junho de 1888, ano II, p. 8.



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA.

Para Emília Viotti da Costa (1998, p. 511), o movimento abolicionista nada mais foi do que “uma promoção de branco, de homens livres” cujo interesse com a abolição não era “propriamente o desejo de libertar a raça escravizada em benefício dela própria”, mas a preocupação com o atraso que a escravidão representava para o desenvolvimento do país.

Dessa forma, não é de surpreender que a população de ex-escravos tenha sido abandonada à própria sorte e que sua condição social não tenha se alterado significativamente, pois, como lembra Viotti da Costa, “o ato jurídico não poderia remover de chofre uma estrutura e uma mentalidade que se forjaram durante séculos de escravidão” (COSTA, 1998, p. 511), a qual colocava o negro em posição inferior.

Quando a revista reaparece com o título *A Semana* em fevereiro de 1889, o negro e a escravidão desaparecem quase por completo, sendo lembrados ao completar um ano da abolição e servindo aos propósitos da causa republicana, defendida pelo novo proprietário da publicação, Archibald Campbell.

Em uma ilustração publicada no dia 06 de maio de 1889, vemos um negro ajoelhado ao lado da princesa Isabel. Ele aponta uma arma para o sol, no qual se lê “Libertação Nacional”. Em tom de coação, a princesa lhe diz: “Atira ou de novo serás escravo!...”. Embaixo da frase, há um comentário: “Que contraste do 13 de maio de 1888?! *Commemoremus....*”.

O negro representa um grupo de escravos recém-libertos que apoiou a Monarquia, conhecido como Guarda Negra, conforme está inscrito em sua calça. A mensagem na ilustração é clara: ficar ao lado do Império seria apostar contra a

liberdade, ainda que a princesa Isabel assegure o contrário ao atirador. Outra forma de escravidão? É o que parece. Para a revista, a abolição não havia sido suficiente para atender aos anseios da população, era preciso mais: a verdadeira liberdade ainda estava por ser alcançada com a República.

A fim de homenagear a imprensa paraense por sua atuação em favor da abolição da escravatura, que completava um ano em 1889, a capa da terceira edição ano III mostra seis jornais locais rodeados por uma edição de *A Semana*, em cuja capa vemos a personagem-tipo carregando um buquê de flores e uma pena. A legenda diz: “A estes, que foram os verdadeiros heróis n’essa grande batalha, que teve por epílogo o immortal 13 de maio, todas as homenagens de um povo agradecido. Honra as heróis da grande cruzada!”.

Não deixa de ser notável a opção da revista de homenagear a imprensa em vez dos ex-escravos. Na página seguinte, em um editorial chamado “Em honra da pátria livre”, a revista corrige essa “omissão” e saúda a liberdade alcançada pelos negros.

Faz hoje um anno que o escravo brasileiro, atirando para longe a aviltante corrente de ferro, sacudio ao mesmo tempo, para o meio de crepitante fogueira, o latego infamante que lhe avergôava as carnes! Livre, restituído á liberdade que lhe fora roubada por infames forasteiros, foi em 13 de maio que o infeliz *pelle negra*, haurindo em longos haustos as fagueiras brisas da liberdade, deixou sahir do largo peito esse grito ingente dos povos livres, e foi, de pocema em pocema, saudando a nova aurora da redempção! (Revista *A Semana*, 13 mai. 1889, p.2).

Próximo ao fim da Monarquia, *A Semana* aproveita as comemorações em torno do aniversário da abolição para ironizar a princesa Isabel, utilizando um expediente semelhante ao da charge que mostra um membro da Guarda Negra. “— Viva a nação brasileira!, — Viva a Princeza Imperial! E ninguém disse — viva!!! Por que seria?...”, diz a legenda da ilustração, publicada na edição de 20 de maio de 1889.

A charge mostra uma aglomeração de pessoas em frente a um sobrado. O grupo aparenta ter boa condição financeira, pois alguns homens estão usando fraque e as mulheres, vestidos longos e chapéus. Não há nenhum representante do “povo” e os negros não são convidados a fazer parte da festa, como se a abolição tivesse sido um processo puramente político e retórico, do qual estavam alheios.

Isso não significa que a revista não tivesse preocupações sociais, mas é um indício de que, naquele momento, o debate político e o poder de representação restringiam-se aos grupos dominantes, excluindo o “povo” e os negros, que pareciam não ter voz própria.

## Considerações finais

A campanha abolicionista figura como um dos eixos temáticos mais recorrentes na revista *A Semana Illustrada*, tanto nos textos quanto nas imagens, reflexo de um momento em que parte da sociedade e da imprensa se engajou para libertar escravos, ainda que seu discurso fosse marcado pelo ponto de vista “senhorial”, reproduzindo estereótipos sobre os negros.

Talvez como forma de sensibilizar o público e angariar apoio para as ações beneficentes, a revista representava o negro como um sujeito indefeso, passivo, em situação de inferioridade e imobilidade, deixando de considerar as rebeliões, fugas e resistências dos escravos. Em contraponto, os atores que estiveram envolvidos com o abolicionismo no campo político, na imprensa ou nas ações beneficentes eram exaltados e figuravam como heróis, muitos dos quais usaram o movimento abolicionista para se promover. Não se pensava tanto na condição social dos escravos.

Prova disso é que os desdobramentos da abolição foram pouco comentados pela revista nos anos que se seguiram a Lei Áurea. E quando eram, o destaque não era dado aos negros.

Antes de tudo, é preciso considerar que a abolição foi uma batalha retórica e político entre grupos dominantes, uma de muitas reformas que precisariam ser feitas para que o ex-escravo pudesse, de fato, integrar-se a sociedade.

## Referências

BARBOSA, Marialva. Os jornais e o mundo dos escravos. In:\_\_\_\_\_. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.79-115.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão negra no Grão Pará**: (séculos XVII-XIX). Belém: Paka-Tatu, 2001.

CONRAD, Robert Edgar. **Os últimos anos da escravatura no Brasil**: 1850-1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, 394 p.

COSTA, Emília Viotti da. A abolição. In:\_\_\_\_\_. **Da Senzala a Colônia**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 389-531.

MACHADO, Humberto Fernandes. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto do pós-abolição. In: NEVES, Lúcia Maria; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania (orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006, p. 142-152.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 95 p.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 3. ed., rev. e ampl. Belém: IAP, 2005, 372 p.

\_\_\_\_\_. O legado de Carlos Wiegandt. **A Província do Pará**. Belém, 26 e 27 de julho 1992a, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Pasquinadas Paraenses. **A Província do Pará**. Belém, 16 e 17 de agosto de 1992b, 2º caderno, p.12

\_\_\_\_\_. Ainda Crispim do Amaral. **A Província do Pará**. Belém, 01 e 02 de novembro de 1992c, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Crispim do Amaral por ele mesmo. **A Província do Pará**. Belém, 16 de novembro de 1992d, 2º caderno, p.02.

\_\_\_\_\_. Manuel, irmão de Crispim. **A Província do Pará**. Belém, 20 e 21 de setembro de 1992e, 2º caderno, p.13.

\_\_\_\_\_. O humor de Archibald Campell. **A Província do Pará**. Belém, 16 nov. 1992f, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. O traço e a troça de Crispim do Amaral. **A Província do Pará**. Belém, 08 nov. 1992g, 2º caderno, p.12

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A trajetória da imprensa no Pará: do impresso à internet**. Projeto de pesquisa apoiado por Edital Universal MCTI/CNPq 2016. [Em andamento]. Belém: UFPA, 2016.